

Baixar os juros é tarefa de todos

OPINIÃO



» **ROBSON BRAGA DE ANDRADE**

Empresário e presidente da **Confederação Nacional da Indústria (CNI)**

A redução estrutural das taxas de juros no Brasil é tarefa complexa. Para que os resultados sejam consistentes, o esforço deve envolver não apenas governo e bancos. Toda a sociedade precisa abraçar, com urgência, uma agenda de ações em favor da diminuição dos custos de capital para incentivar o crescimento econômico.

Ao cortar os juros básicos (Selic) de 12,5% para 9% desde agosto de 2011, o Banco Central (BC) deu início a um ciclo de queda dos encargos financeiros. Os bancos públicos diminuíram as taxas finais em algumas linhas de financiamento, no que foram se-

guidos pelos privados.

Tudo isso é benéfico. Mas não pode se restringir a movimento efêmero e de efeitos limitados. O Brasil precisa se engajar numa discussão profunda sobre os motivos de o capital ser tão caro no país. Identificados os problemas, devemos atacá-los de forma eficiente. O país não suporta mais juros tão altos, que encarecem o crédito e sufocam a economia. Eles emperram o consumo, principalmente de bens duráveis, dificultam os investimentos produtivos e minam a competitividade dos nossos produtos.

No Brasil, os juros reais são de 3,4%, o segundo maior nível do planeta - 2014 em 40 países de destaque no mundo, eles ficam numa média de -0,7%. Como reflexo, aqui, a taxa cobrada de empresas com ótima classificação de risco é de 14,6% ao ano. Esse indicador é de 4,25% na Austrália, de 3,25% nos Estados Unidos e de 1% na Zona do Euro. Segundo números levantados pelo BC, as empresas brasileiras pagam 25,2%, em média, nas linhas de capital de giro, 56,6% no desconto de promissórias e 107,2% na conta garantida %u2014 uma espécie de linha direta para suprir eventuais necessidades de curto prazo. Para os trabalhadores, a taxa no crédito pessoal é de 48,8%, atingindo 185% no cheque especial.

Além da Selic, o responsável por esses números totalmente fora dos padrões mundiais é o spread bancário %u2014 diferença entre o custo de captação dos bancos e a taxa cobrada do tomador de empréstimos. Num crescimento mais ou menos contínuo, o spread geral passou de uma média de 23,5 pontos percentuais em dezembro de 2010 para 28,0 em março deste ano. No financiamento às empresas, ele se mantém em alta desde o início da crise, em 2008. Em dezembro de 2007, era de 11,9 pontos e alcançou 18,4 em março. No mês, os bancos captaram a 9,3% e emprestaram às companhias a 27,7%. Para os trabalhadores, a captação também saiu a 9,3% e os em-

Continuação: Baixar os juros é tarefa de todos



préstimos, a 44,4%, com spread de 35,1 pontos.

Precisamos atacar as causas do fenômeno em todas as frentes, criando condições para a redução dos juros e o aumento do crédito %u2014 hoje, o estoque é de R\$ 2,07 trilhões, o equivalente a 49,3% do Produto Interno Bruto (PIB), medida bastante inferior à dos nossos principais concorrentes. O volume de crédito corresponde a 100,8% do PIB na Coreia do Sul, 130% na China e 200,7% nos Estados Unidos.

Na semana passada, o governo tomou a decisão de alterar a forma de remuneração da poupança para permitir a continuidade da trajetória de queda dos juros. Definiu os rendimentos em 70% da Selic mais a variação da TR quando a taxa básica for igual ou menor a 8,5%. A medida afastou uma limitação para novas reduções dos encargos financeiros, que devem ocorrer, incentivando consumo e investimentos.

Mas ainda é preciso desonerar o custo do capital, reduzindo impostos na intermediação financeira. Essa diminuição dos tributos geraria um aumento no crédito, num efeito semelhante ao estímulo ao consumo

após o corte de IPI em eletrodomésticos e automóveis. Além disso, o setor público deve tomar medidas para estimular a competição bancária, como a regulamentação do cadastro positivo. A recuperação de crédito também deve ser facilitada. O depósito compulsório precisa ser reduzido, liberando recursos para empréstimos %u2014 hoje, ele imobiliza R\$ 408 bilhões nos cofres do BC.

Os bancos podem trabalhar na redução dos custos administrativos e na criação de produtos diferenciados para quem oferece pouco risco. Educação financeira é essencial. Empresas e trabalhadores devem conhecer a fundo a estrutura de encargos em suas operações bancárias, buscar melhores condições no mercado e evitar o superendividamento, que pode levar à inadimplência.

Só com esse esforço comum será possível reduzir os juros de forma estrutural. Assim, o Brasil dará saltos maiores na rota do crescimento sustentado. Terá mais investimentos, empregos, qualidade de vida e inclusão social. Nossas empresas serão mais competitivas e nosso mercado consumidor, mais forte. Está na hora de o país declarar uma guerra sem trégua aos juros altos.